



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS/UNEAL
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
CAMPUS III

**ENTRE A ALDEIA E A LITERATURA, UMA ANÁLISE CRÍTICA DA IMAGEM
DA MULHER INDÍGENA NA OBRA “IRACEMA”, DE JOSÉ DE ALENCAR**

Palmeira dos Índios/AL

2025

Viviane Silva de Lima

**ENTRE A ALDEIA E A LITERATURA, UMA ANÁLISE CRÍTICA DA IMAGEM
DA MULHER INDÍGENA NA OBRA “IRACEMA”, DE JOSÉ DE ALENCAR**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como critério de aprovação do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas-Campus III, tendo como orientador Prof. Dr. Moisés Monteiro de Melo Neto.

Palmeira dos Índios/AL

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir ter essa experiencia, agradeço aos meus pais, que tanto me apoiam em todos os meus sonhos e projetos, especialmente a minha mãe, que sempre foi o meu alicerce, me dando forças e coragem.

Agradeço a todos que tanto lutaram para que o Clind acontecesse e também ao meu orientador, Moisés Monteiro de Melo Neto.

Resumo: Este artigo analisa e faz uma crítica da representação da mulher indígena no Romantismo, principalmente sobre a representação da mulher indígena na obra “Iracema”, de José de Alencar, obra que relata também as belezas naturais e formação do Ceará. Este trabalho faz uma desconstrução da figura feminina indígena criada pelo homem branco, que eram retratadas como figuras exóticas e submissas, inseridas em um contexto de natureza selvagem e primitiva, suas características físicas e culturais eram frequentemente romantizadas e distorcidas, colocando-as como elementos decorativos ou simbólicos nas narrativas literárias. Este artigo traz também, a narrativa da realidade sobre quem são e o que fazem as mulheres indígenas hoje em dia. O trabalho foi realizado com base na metodologia de pesquisa bibliográfica e de entrevistas, para analisar a representação da mulher brasileira, e fazer a desconstrução de esteriótipos criados sobre a mulher indígena nesta obra indianista.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira; desconstrução de estereótipos; mulher indígena.

Abstract: This article analyzes and criticizes the representation of indigenous women in Romanticism, which is the school to which the work studied for this work belongs. It mainly presents the representation of indigenous women in the work “Iracema”, by José de Alencar, a work that also describes the natural beauty and formation of Ceará. This work deconstructs the indigenous female figure created by white men, who were portrayed as exotic and submissive figures, inserted in a context of wild and primitive nature. Their physical and cultural characteristics were often romanticized and distorted, placing them as decorative or symbolic elements in literary narratives. This article also presents the narrative of the reality of who indigenous women are and what they do today. The work was carried out based on the methodology of bibliographic research and interviews, to analyze the representation of Brazilian women and to deconstruct stereotypes created about indigenous women in this Indianist work.

KEYWORDS: Brazilian literature; deconstruction of stereotypes; indigenous woman.

INTRODUÇÃO

"Iracema", publicada em 1865, é uma das obras mais emblemáticas de José de Alencar, um dos principais representantes do romantismo brasileiro. A narrativa, que mescla elementos indígenas com a história colonial do Brasil, apresenta a figura de Iracema, uma índia tabajara, e sua relação com o europeu Martim. Embora a obra seja frequentemente celebrada por ser poética e sua contribuição à formação da identidade nacional, é essencial examiná-la criticamente, especialmente no que diz respeito à idealização da figura feminina e às contradições que permeiam a representação da cultura indígena.

Este artigo propõe-se a analisar como a figura de Iracema, a protagonista da obra, reflete um ideal romântico que, apesar de sua beleza e força, perpétua estereótipos e visões eurocêntricas sobre a identidade indígena. Ao desconstruir a imagem da mulher indígena que é representada como um mero objeto de desejo e símbolo da natureza, buscamos compreender as implicações sociais e culturais dessa representação e como ela dialoga com a realidade das comunidades indígenas contemporâneas. Através dessa crítica, esperamos suscitar uma reflexão sobre a importância de revisitar e reinterpretar obras clássicas, reconhecendo suas limitações e o impacto que têm na formação de narrativas sobre a diversidade cultural e étnica do Brasil.

Inicialmente este artigo faz um breve resumo da obra em questão, com o intuito de realizar uma crítica ao modo como as mulheres indígenas eram retratadas na literatura brasileira, que no caso é irreal, que foi criada e desenhada pelos colonizadores, o que se perpetua até hoje. Pretendemos discutir certos mitos e estereótipos criados, e mostrar para os leitores deste trabalho um pouco da realidade do que é a mulher indígena, hoje, especificamente indígenas da etnia Xucuru-Kariri, e como elas vem sendo representadas no cenário nacional, quais espaços elas podem ocupar, qual sua importância dentro e fora das comunidades, seus papéis multifacetados que envolvem desafios, lutas e conquistas.

Uma entrevista por questionários também foi anexado neste artigo para enriquecer o conteúdo e disponibilizar ao leitor informações que não estão disponíveis em fontes secundárias, incluem exemplos e ponto de vista pessoais e profissionais.

Trazemos aqui, como referência, aspectos observados por alguns pensadores indígenas como Krenak e Graça Graúna(2013).

ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A MULHER INDÍGENA DESCRITA NA OBRA “IRACEMA”

É importante ressaltar que, desde a época da invasão do Brasil, as mulheres indígenas foram descritas segundo o olhar do homem branco, sempre idealizadas de forma mítica e com traços eurocêntricos, e sempre retratadas como submissas ao colonizador. Essa descrição deu-se desde os primeiros escritos sobre os indígenas, caracterizada como literatura de viagem, Pero Vaz de Caminha, descreveu o que viu quando chegou ao Brasil, e também assim fez com os indígenas e homens e, principalmente, mulheres.

... E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que as muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhes tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como dela. (CAMINHA, 1965, p. 05)

Percebemos um jogo palavras que, ao mesmo tempo, erotiza e embeleza a descrição sendo como no foco inicial da obra “Iracema” é um romance brasileiro clássico, é narrado em terceira pessoa, ou seja, é um narrador onisciente, é uma narrativa de fundação, que tem função agregadora na formação de uma identidade nacional, o que foi cuidadosamente pensado pelo escritor.

A história ocorre em território cearense, no período da colonização portuguesa no Brasil. Foi publicado em 1865, o livro é conhecido por ter uma linguagem poética que reflete a preocupação em criar uma atmosfera mágica, que envolve o leitor com forte carga ideológica.

A narrativa retrata um romance em meio aos conflitos entre as tribos Tabajaras do interior, e a tribo Pitiguara do litoral, além disso, a obra também aborda temas como a natureza e o choque entre diferentes culturas, é uma obra que se destaca como um dos pilares do Romantismo brasileiro.

Iracema é uma indígena da tribo Tabajara e filha do Pajé Araquém, espiritualmente, ela era muito importante para sua tribo, ela era sacerdotisa, guardava o segredo da jurema, receita da bebida sagrada, que um teor alucinógeno, preparada por ela, filha virgem da autoridade.

Martim era um português e amigo dos indígenas da tribo Pitiguara, essas duas tribos eram inimigas. A obra inicia-se pelo final da história, Iracema morta e Martim indo embora com seu filho Moacir e um cachorro em uma jangada.

Após introduzir a obra com essa partida, o autor volta no tempo, dá-se, como se refere a isso Alencar, o início à “lenda”, e é apresentada Iracema, como “a virgem dos lábios de mel” (ira= mel, tembe+lábios), que aparentemente trai a sua tribo para passar para o lado dos brancos e dos Pitiguaras.

Na obra é apresentado um movimento de elevação moral do homem branco, que o separa completamente de Iracema e o elevando a um “pedestal” que seria quase inatingível por ela. A primeira marca da “superioridade” de Martin ocorre durante o primeiro encontro dos dois. Isso se dá quando a indígena está descansando após tomar um banho e assusta-se com a presença do intruso. Ao procurar, se depara com Martin: “Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta” (Alencar, 1865, p.19)

Ao lançar uma flecha, que atinge o português, e feri-lo, Iracema se arrepende e resolve ajudá-lo, levando Martin até sua tribo, onde foi muito bem recebido, a partir desse momento, começa a ser revelado o interesse amoroso dela.

Diante de um amor idealizado e proibido, Iracema resolve se relacionar com o português, ainda que isso fosse proibido, pois, ela guardava o segredo de jurema, e se sua virgindade fosse tirada, ela poderia perder sua vida. Iracema se apaixona por Martin, e mesmo que sua virgindade pertencesse a Tupã, ela ofereceu a bebida ao português para conseguir ter relações sexuais com ele. Alencar exime o branco de qualquer intenção.

Em um dos embates entre as tribos inimigas, Iracema e Martin que já haviam tido relações, resolvem fugir, assim, a índia abandona sua família, tribo e tradições para viver com o português. Dias depois a gravidez de Iracema foi revelada, futuramente deu à luz a uma criança que lhe chamaram de Moacir (que significa “filho da dor”), a pequena criança veio ao mundo no momento em que Martin e seu amigo Poty saem para lutar, e quando retornam, Iracema está muito debilitada, pois teve um parto muito delicado, e passou por isso sozinha, ela só consegue entregar o filho nos braços de Martin e acaba morrendo.

A história de amor entre a protagonista indígena, Iracema e o guerreiro português, Martin, é entrelaçada com a descrição poética da natureza exuberante do Ceará, conferindo à obra uma atmosfera épica e mítica. A linguagem elaborada e as metáforas utilizadas por, Alencar contribuem para a construção de um cenário rico em simbolismos e imagens marcantes. Mas o que percebemos é uma mulher indígena explorada, abandonada.

Na literatura brasileira, a representação da mulher indígena, como vista em "Iracema" de José de Alencar, reflete os ideais românticos da época. Ele descreve as

características da mulher indígena brasileira em várias passagens, utilizando uma linguagem poética e exaltando a beleza e a natureza dessa mulher. Uma das passagens mais conhecidas é a descrição de Iracema, a protagonista do romance.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.(Alencar, 2009, p.8).

Iracema, apresentada como a "virgem dos lábios de mel", uma figura que simboliza a pureza, a beleza e a espiritualidade. Essa idealização é um reflexo das convenções românticas da época, que relegavam muitas vezes as mulheres a papéis de musa ou símbolo. A protagonista, embora forte em sua relação com a natureza e sua cultura, acaba por ser reduzida a um objeto de desejo do herói europeu. Essa dicotomia entre a força da mulher indígena e sua submissão ao amor de Martim revela uma contradição central na obra: a mulher, que poderia ser um símbolo de resistência, acaba por se tornar um instrumento da narrativa da colonização.

No período do Romantismo, a época da escrita deste romance, a representação da mulher indígena na literatura frequentemente refletia estereótipos e visões idealizadas, influenciadas pela visão eurocêntrica da época, e totalmente influenciada pelo olhar e descrição do homem branco, isso tem melhorado, hoje quando,

Os(as) escritores(as) indígenas aparecem no mercado editorial, em produção teatrais, em documentários mostrados em vídeo, em fundações culturais e organizações não governamentais representativas, com o objetivo de consolidar o resgate e a difusão da sabedoria atual e milenar dos povos indígenas no Brasil e, por extensão, difundir o saber ancestral e contemporâneo dos parentes indígenas na América. (Graúna, 2013, p. 74).

Sendo uma das principais representantes da vertente indianista do movimento romântico, e estrutura-se em torno da história do amor entre o homem branco e uma indígena. Iracema, por amor a Martim, abandona família, povo, religião, isso é uma clara referência à submissão do indígena ao colonizador. Alencar, assim como muitos escritores da época, embelezam suas obras, e escondem as atrocidades e os horrores aos quais foram submetidos nossos irmãos e irmãs indígenas. Corroboramos com Krenak, quando ele afirma que

O simples contágio do encontro entre humanos daqui e de lá fez com que essa parte da população desaparecesse num fenômeno que depois se chamou epidemia, uma mortandade de milhares e milhares de seres. Um sujeito que saía da Europa e descia numa praia tropical, largava um rasto de morte por onde passava. O indivíduo não sabia que era uma peste ambulante, uma guerra bacteriológica em movimento, um fim de mundo, tampouco o Sabiam

as vítimas que eram contaminadas (Krenak, 2020, p.71)

As mulheres indígenas eram frequentemente representadas como figuras exóticas e submissas, inseridas em um cenário de natureza selvagem e primitiva. Suas características físicas e culturais eram muitas vezes romantizadas e distorcidas, atuando como elementos decorativos ou simbólicos nas narrativas literárias escritas na época. Outro aspecto que deve ser ressaltado é que Alencar retrata o homem branco como extremamente correto e “bondoso”, podemos observar que na narrativa a indígena tem que drogar o português para conseguir ter relações com ele, o que dá a entender que segundo o autor, Martim é tão correto que lúcido não teria nenhum tipo de relação com a indígena.

Nesta obra literária indianista, a mulher indígena era utilizada como elemento figurativo, servindo para reforçar a imagem de um mundo exótico e distante, a presença nestas narrativas tinha mais a ver com a construção de um imaginário romântico do que com uma representação autêntica das vivências e identidades das mulheres indígenas. É importante mencionar que tal tipo de romance eram escritos por brancos, que não tiveram grande contato com a realidade dos povos originários.

As mulheres indígenas descritas pelo homem branco muitas vezes resultou em prejuízos culturais significativos, pois frequentemente recaía em estereótipos, retratadas de maneiras objetificadas, como um ser passivo e submisso, tinha como maior função servir, seguir e viver para o homem branco, como podemos ver na passagem da narrativa onde a indígena diz: “-Iracema tudo sofre por seu guerreiro senhor...” (Alencar, 2009,p.43), essas representações, diminuem a mulher indígena, reduzindo-as a figura servil sem considerar suas complexidades individuais.

Além disso, muitas vezes essas narrativas não indígenas contribuem para a objetificação e sexualização dessas mulheres, perpetuando assim desigualdades de gênero e violações de direitos, hoje em dia essa forma de representação descrita nessa e outras obras, também gerou um distanciamento entre a realidade das mulheres indígenas e a percepção do público, com narrativas que reduz o papel da mulher indígena como um objeto exótico e sexual, impedindo o reconhecimento de suas lutas, conquistas e contribuições para a sociedade brasileira. “Ter uma histeria enraizada na terra roubada durante um processo colonial, como nas primeiras nações indígenas pan-americanas, significa ter uma não identidade” (in GRAÚNA, 2013, p. 9-10). Isso nos faz refletir, também, com o posicionamento do autor de “Iracema”.

Alencar cultivou o romance histórico, o regionalista, o de costumes e o

indianista [...] variações ficcionais comparecem na obra, proporcionalmente à sua relevância [...] evidencia-se na focalização dos albores da nossa história [...] A tais ingredientes por si sós de caracterizadores do romance romântico, somam-se outros que ajudam a situar a obra nos quadros estéticos de uma época, a descrição da natureza pintada com o idealismo de quem mais imaginava a beleza paisagística do que a observava [...] as personagens que se agitam diante desse cenário parecem igualmente idealizadas (Moisés, 2002, p. 148).

A referência de Moisés (2002) ao trabalho de José de Alencar destaca a variedade de gêneros abordados pelo escritor no cenário do romance brasileiro do século XIX, incluindo o romance histórico, regional, de costumes e indianista. Alencar, um personagem chave do Romantismo brasileiro, emprega essas variações fictícias para formar uma identidade literária nacional, destacando-se especialmente ao tratar dos primeiros momentos da história do Brasil. Sua obra se esforça para reconstituir e exaltar a construção do país, particularmente mediante uma perspectiva idealizada e romantizada da natureza e dos personagens, conforme Moisés as retrata.

AS MULHERES INDÍGENAS NA CONTEMPORANEIDADE- ENTRECRUZAMENTOS ENTRE A LITERATURA E A ATUALIDADE

Veremos a seguir algumas representantes de quem são as verdadeiras mulheres indígenas, como elas atuam dentro e fora das suas comunidades, e as marcas que foram e são deixadas na história dos povos originários, pois agora elas possuem lugar de fala para desmistificar e desconstruir todos os estereótipos criados nas escritas fantasiosas feitas pelo não indígenas.

Mesmo que durante muito tempo as mulheres indígenas tenham sido minimizadas e relegadas ao esquecimento, sempre tiveram e tem papéis fundamentais e relevantes dentro e fora das suas comunidades. Atualmente em toda sociedade, as mulheres indígenas desempenham importantes papéis, e tem destaque nos movimentos sociais, participam cada vez mais em diversos assuntos, seja na política, educação, saúde, ambientais, direitos humanos e territoriais, além de exercer papel cada vez maior na luta pelos direitos dos povos tradicionais.

Na comunidade da aldeia Mata da Cafurna, por exemplo, a grande maioria das decisões tomadas em todas as áreas, tem participação de mulheres, elas desempenham

grandes papéis, são fortes e corajosas guerreiras, saíram da sua comunidade em busca do conhecimento científico, para conseguirem dar conta também das questões que a sociedade exige para viver nela. Tornaram-se professoras, enfermeiras, assistentes sociais, palestrantes, além de possuírem o conhecimento científico, elas detêm do mais precioso conhecimento, o cultural e ancestral, conhecimento adquirido ao longo dos tempos, com a convivência e ensinamentos de grandes mestres e anciões.

O papel de mulheres indígenas na transmissão de conhecimentos tradicionais é, portanto, vasto e crucial para a sobrevivência e continuidade da cultura indígena. São guardiãs da sabedoria ancestral e exercem um papel indispensável na manutenção da identidade cultural da comunidade. As mulheres indígenas enfrentaram e enfrentam ainda diversos obstáculos para terem visibilidade e reconhecimento, hoje conseguem ocupar muitos espaços, dentre eles a escrita de suas obras literárias, expondo sua visão de mundo e seus saberes dentro e fora das comunidades, o que antes era descrito por pessoas que não conheciam de fato a grandiosidade das histórias e lutas dos povos indígenas e das mulheres indígenas.

Etelvina Santana da Silva, mais conhecida como, Maninha xucuru-kariri, reconhecida mundialmente por suas lutas e protagonismo, principalmente político, e pelos direitos dos povos indígenas, é uma grande referência de mulher, lutou muito sobre a questão da demarcação territorial do seu povo, ela foi e ainda hoje é inspiração para muitas mulheres.

Partiremos agora para a escrita feita por escritoras indígenas, essa escrita tem papel principal de disseminar a verdade sobre a cultura, costumes e tradições indígenas de fato. Eliana Lima dos Santos, mais conhecida como, Eliana Potiguará, é uma professora, escritora e ativista, defensora dos direitos humanos, a maioria das suas obras é voltada para área educacional, ela nos inspira com sua potente literatura e ativismo. Além de escritora, tem dedicado sua vida a promover justiça social e lutar pelas causas, preservação da cultura e igualdade de direitos para os povos originários do Brasil. Os autores indígenas, trazem, ao escrever, a verdadeira história dos povos étnicos do país. Estamos dizendo em suas obras que existimos, que temos culturas, tradições e territórios.

A literatura é uma importante ferramenta para ampliar as vozes das mulheres indígenas, permitindo que suas histórias sejam ouvidas e apreciadas por um público mais amplo, traz o empoderamento e representatividade feminina. Por meio de suas produções literárias, contribuem significativamente para a diversificação e enriquecimento do cenário

literário brasileiro, pois ao compartilhar suas experiências, tradições e lutas, as mulheres indígenas oferecem uma nova compreensão sobre a realidade dessas comunidades, tomar o lugar de fala e repassar a vivência de quem realmente prática, é muito importante na contemporaneidade, principalmente para os não indígenas que não conhecem bem a cultura, ter um conhecimento verdadeiro sobre os povos indígenas.

Lidiane Silva de Lima, conhecida como, Li Lima, da etnia Xucuru-Kariri, nova no ramo da escrita literária, têm desempenhado papel fundamental ao compartilhar suas experiências através da escrita, oferecendo uma nova visão sobre o poder e direito feminino de fazer e ocupar qualquer espaço, ela aborda temas diversificados e atuais, para conquistar diversos públicos, indígenas e não indígenas do país, dando visibilidade para a cultura indígena, essas ações servem também de inspiração para outras mulheres, traz para a juventude indígena uma perspectiva inovadora e autêntica, desafia estereótipos.

Escrever é uma forma de empoderamento, a escrita é uma maneira de afirmar a identidade cultural, tomar o lugar de fala, isso fortalece o senso de pertencimento de suas raízes.

A presença da mulher indígena como escritora, é um ato de resistência de gênero, cultural e social, sua presença na literatura desafia estereótipos, rompe com narrativas hegemônicas e amplia a representatividade, suas obras contribuem para a valorização da diversidade cultural do Brasil e para a desconstrução de preconceitos, coloca em pauta temáticas importantes como, direitos e preservação de suas memórias, assim como o fortalecimento da identidade e autoestima das próprias mulheres indígenas.

DISCURSO DE MULHERES INDÍGENAS

Realizamos uma pesquisa entre mulheres atuantes da etnia Xucuru-Kariri, a mesma foi realizada com, Lidiane Silva de Lima, escritora e professora da comunidade indígena Aldeia Mata da Cafurna, Josefa Adriana Messias Cardoso Santos, coordenadora educacional da Aldeia Fazenda Canto, Eriane Maria dos Santos, diretora escolar da Aldeia Boqueirão, antes de aplicar o questionário, foi explicado a elas o porquê dessa pesquisa, e também explicamos a elas, em resumo, a história da indígena fictícia, Iracema, e ao perguntar se elas se identificam com a indígena da história, as respostas foram as mesmas, nenhuma delas se identificou com a indígena que Jose de Alencar descreveu em sua obra.

Ser mulher indígena, hoje em dia, ainda é um desafio intrincado e de múltiplas facetas. Embora essas mulheres carreguem um intenso orgulho de suas origens, culturas e tradições ancestrais, elas lidam com uma variedade de desafios oriundos de questões históricas, sociais e políticas.

Numerosas mulheres indígenas são autênticas defensoras das tradições de suas comunidades, mas em quase nada se compara com Iracema. Elas conservam e compartilham saberes acerca da medicina tradicional, artesanato, agricultura e espiritualidade. No entanto, frequentemente essas tradições estão em risco, seja devido à pressão da modernização, ao desmatamento, à mineração ou ao progresso de grandes empreendimentos industriais em territórios indígenas. Estas mulheres estão na vanguarda das batalhas pelos direitos territoriais e ambientais, lutando contra a devastação de seus territórios.

Na pesquisa que realizamos com mulheres indígenas, foram feitas questionamentos como: Quais papéis dentro da sua comunidade as mulheres indígenas podem assumir hoje? E as respostas foram as seguintes:

Atualmente, na comunidade a qual pertença, as mulheres podem, e ocupam, espaços importantes na difusão cultural e na luta pelos direitos indígenas. Temos mulheres envolvidas, principalmente na educação e na saúde.(Lidiane Silva de Lima).

Já a fala de Lidiane Silva de Lima destaca o crescente protagonismo feminino nas comunidades atuais, destacando como elas desempenham funções cruciais na propagação da cultura e na proteção dos direitos indígenas. Ao se sobressaírem em campos vitais como educação e saúde, essas mulheres não só fomentam o progresso de suas comunidades, mas também desempenham um papel de liderança na manutenção e apreciação das tradições, enquanto batalham por um futuro mais equitativo e inclusivo para suas comunidades. Portanto, sua intervenção reforça tanto a identidade cultural quanto a participação política.

Hoje as mulheres indígenas estão se tornando líderes políticas em suas comunidades, ocupando cargos como caciques, conselheiras e líderes de organizações indígenas. Elas estão envolvidas na defesa dos direitos de seus povos e na promoção de políticas públicas que beneficiem suas comunidades.(Eriane Maria dos Santos).

A menção de Eriane Maria dos Santos destaca o aumento da liderança política feminina nas comunidades indígenas, rompendo obstáculos históricos e desafiando estereótipos de gênero. Essas mulheres, que ocupam posições como caciques, conselheiros e líderes de organizações indígenas, têm um papel crucial na proteção dos direitos de suas

comunidades e na implementação de políticas públicas voltadas para o bem-estar coletivo. A sua contribuição não só intensifica a batalha pelos direitos indígenas, mas também evidencia uma habilidade de articulação política e social que auxilia na construção de um futuro mais equitativo e inclusivo.

Quando questionadas sobre como enxergam o papel da mulher indígena na promoção de identidade cultural, na luta por direitos iguais e no protagonismo social, Lidiane Lima respondeu:

A mulher indígena tem papel fundamental na promoção da identidade cultural, na luta pela igualdade e no protagonismo social. Elas atuam, principalmente, como educadoras, ensinando às crianças os valores e a história de suas culturas. Isso fortalece a identidade coletiva e a coesão social dentro da comunidade. Participam ativamente dos movimentos sociais, com posições de destaque na luta pelos direitos dos povos indígenas. E tem destaque no protagonismo social, principalmente voltados para o empreendedorismo. (Lidiane Silva de Lima)

Lidiane Silva de Lima destaca o papel crucial das mulheres indígenas como catalisadoras na manutenção e promoção da identidade cultural de suas comunidades. As mulheres indígenas, desempenhando um papel crucial na educação das crianças, garantem a disseminação dos valores e da história de suas culturas, reforçando a identidade coletiva e assegurando a preservação das tradições. Elas não apenas atuam como educadoras, mas também se sobressaem como líderes sociais, guiadas por elas. Josefa Santos nos declarou: “O papel da mulher é fundamental, e vem exercendo um protagonismo nunca visto antes, com participação em vários campos, educação, política, saúde”. (Josefa Adriana Messias Cardoso Santos).

A referência de Josefa Adriana Messias Cardoso Santos ressalta o aumento do protagonismo feminino em campos cruciais como educação, política e saúde. Historicamente, as mulheres enfrentam obstáculos consideráveis para assumir cargos de liderança e influência nesses setores, porém, nos últimos anos, elas têm assumido um papel central e transformador. No campo educacional, as mulheres têm desempenhado um papel crucial na formação das próximas gerações, introduzindo novos métodos de ensino e enfatizando a relevância da igualdade. Elas estão cada vez mais presentes no cenário político, impactando políticas públicas e batalhando pela igualdade de direitos, simbolizando necessidades sociais de inclusão e justiça. No campo da saúde, o protagonismo feminino se evidencia não somente no cuidado direto, mas também na defesa de políticas públicas de saúde, que tem como objetivo

a promoção da saúde.

Quando questionadas sobre seu papel na transmissão de conhecimentos tradicionais na sua comunidade? Obtive as seguintes respostas: “Como professora atuante na escola da minha comunidade, utilizo minhas aulas como maneira de transmitir conhecimentos e fortalecer a identidade cultural da comunidade”.(Lidiane Silva de Lima).

A educação contribui para o fortalecimento da identidade cultural, permitindo que os estudantes não abandonem suas raízes, mesmo em um mundo globalizado, onde as pressões externas podem abalar essas ligações. Lidiane, ao integrar elementos culturais em suas aulas, contribui para a formação de um sentimento de pertença nos alunos, aumentando sua autoconfiança e orgulho de suas tradições. Este tipo de educação com sensibilidade cultural não só favorece a comunidade na preservação da cultura, mas também aprimora o processo de aprendizado, estabelecendo um ambiente escolar que aprecia e respeita as diversas identidades.

O meu papel de mulheres indígenas na transmissão de conhecimentos tradicionais é, portanto, vasto e crucial para a sobrevivência e continuidade das culturas indígenas. Sou guardiã da sabedoria ancestral e desempenho um papel indispensável na manutenção da identidade cultural da minha comunidade.(Eriane Maria dos Santos)

O comentário de Eriane Maria dos Santos destaca a grande importância das mulheres indígenas como guardiãs da sabedoria ancestral e transmissoras de conhecimentos tradicionais. O papel desempenhado por elas vai além da mera preservação dos figurinos; é um compromisso profundo com a continuidade e sobrevivência das culturas indígenas. Ao compartilhar e ensinar os saberes tradicionais, essas mulheres garantem que as próximas gerações aproximam o vínculo com suas raízes, compreendendo e valorizando suas identidades culturais.

Ser guardiã da sabedoria ancestral significa preservar não apenas práticas culturais e espirituais, mas também a história, os valores e a cosmovisão de seu povo. As mulheres indígenas, ao transmitirem esses conhecimentos, desempenham um papel central na manutenção da coesão social e da identidade coletiva. “Como mulher, mãe e pela profissão que exerço na comunidade (Professora), tenho a responsabilidade em compartilhar os conhecimentos que a mim foram transmitidos”, afirmou-nos Josefa Adriana Messias Cardoso Santos.

Como mãe, o dever de transmitir conhecimentos ultrapassa os limites da sala de aula, alcançando o ambiente familiar e o dia a dia. Este papel duplo enfatiza a noção de que a educação vai além do âmbito escolar, sendo um processo ininterrupto de aprendizado que ocorre em todas as esferas da vida. Em diversas culturas, as mães são consideradas as

primeiras educadoras, e Josefa destaca essa conexão intrínseca entre suas responsabilidades familiares e profissionais.

Quando questionadas sobre quais mulheres indígenas admiram? Responderam o seguinte:

Eliane Potiguara e Maninha Xucuru-Kariri.(Lidiane Silva de Lima)

É aquelas mulheres indígenas que têm se destacado em diversas áreas, como liderança comunitária, ativismo, política, arte e defesa dos direitos humanos e ambientais. Posso citar, Maria das Dores, parteira indígena da etnia Pankararu..(Eriane Eriane Maria dos Santos).

Lidiane Silva de Lima, escritora Xukuru Kariri, Cacica Nina, Célia Xacriabá, deputada, Elisa Pankararu. .(Josefa Adriana Messias Cardoso Santos).

Portanto, a mulher indígena atual é muito mais complexa e diversificada do que as representações idealizadas presentes na literatura do passado. Ela atua como líder, professora, ativista e protetora do meio ambiente, exercendo funções cruciais em suas comunidades e na sociedade em geral. Ela vai além de ser apenas uma figura de resistência passiva, sendo a protagonista de sua própria história, lutando pelos seus direitos e pela manutenção de sua cultura e de sua população, enquanto se esforça para se integrar de maneira justa e equitativa no mundo atual.

CONCLUSÃO

Concluo este estudo destacando a relevância de um indígena realizar uma crítica sobre a obra "Iracema", de José de Alencar, e trazer a realidade da vida da mulher indígena atualmente.

A obra é uma representação da cultura indígena, porém é escrita sob uma perspectiva do homem branco. A análise de uma indígena à obra "Iracema" pode proporcionar uma perspectiva mais genuína e detalhada de como os personagens e a cultura são apresentados segundo a narrativa e a desconstrução dessa imagem errônea criada.

Frequentemente a literatura reforça estereótipos e perspectivas romantizadas acerca das populações indígenas, principalmente das mulheres indígenas. Uma avaliação crítica pode contestar essas representações, questionando a maneira como as indígenas são retratadas e fomentando um entendimento mais realista e complexo.

Educação e Conscientização, tecer uma crítica à obra serve como um meio de informar o público sobre as dificuldades enfrentadas pelos povos indígenas, fomentando uma maior compreensão sobre suas batalhas atuais e a relevância do respeito às suas culturas.

A Crítica Cultural possibilita um diálogo mais abrangente entre diversas culturas, fomentando a compreensão recíproca e o respeito às diversas culturas presentes no Brasil.

Este artigo tem o intuito de fazer com que os não indígenas conheçam um pouco do que é ser mulher indígena atualmente, e não usem como referência a literatura da época para definir o que é ser mulher indígena nos dias de hoje, que ocupamos qualquer espaço dentro ou fora das comunidades, e nossa existência vai muito além de servir aos homens, e também o intuito de desmistificar todos os estereótipos criados sobre as indígenas nas obras indianistas escritas pelo não indígena. Além de apresentar novas escritoras indígenas que escrevem sobre a vivência e a verdadeira história dos povos nativos.

As entrevistas anexadas na pesquisa, enriquecem a mesma, trazendo uma melhor compreensão e o ponto de vista de mulheres indígenas atuantes em suas comunidades.

Essas análises são fundamentais não só para ampliar a compreensão do trabalho em si, mas também para fomentar um ambiente onde as vozes indígenas sejam ouvidas e respeitadas na literatura e na sociedade na totalidade.

A crítica a "Iracema" nos permitiu questionar não apenas os valores românticos do século XIX, mas também a forma como as narrativas literárias moldam percepções sobre gênero e cultura. Assim, é fundamental ler esta obra com um olhar atento às suas

contradições, reconhecendo tanto seu valor estético quanto suas limitações em uma sociedade que ainda luta para dar voz e visibilidade às suas diversas identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José. **Iracema**. Grandes obras da literatura Portuguesa .Editora Avenida, 2009.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MOISÉS, Massaud. **Literatura Brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2002.

NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Disponível em: <https://portalabel.org.br/images/pdfs/carta-pero-vaz.pdf,p.12>. Acesso em 10 de junho de 2024.